



“A liberdade não é um luxo dos tempos de bonança; é, sobretudo, o maior elemento de estabilidade das instituições.”

Ruy Barbosa



Assista à
playlist da
Capital S/A
no Youtube

Jovens buscam autonomia, salário e chance de crescer no mercado de trabalho



JP Rodrigues / SENAI

Os jovens, quando escolhem uma vaga de trabalho, consideram como fatores mais determinantes o salário (41%), as possibilidades de crescimento (21%) e os benefícios complementares (20%). Remuneração baixa (50%) e estresse no ambiente de trabalho (28%) são os principais motivos para trocarem de emprego. A pesquisa inédita do Sesi e do Senai, a que a coluna teve acesso, foi conduzida pelo Instituto de Pesquisa Nexus, e ouviu 1.958 jovens de 14 a 29 anos de todo o Brasil.

Inteligência artificial

-75% reconhecem que a inteligência artificial pode aumentar a produtividade;
-49% têm interesse em trabalhar na indústria.

Vínculos

A pesquisa desmistifica a impressão de que os jovens preferem trabalhar de forma nômade, sem preocupação de vínculos longos com empresas e instituições. Mas a autonomia é indispensável.

Plano de Carreira

“Os dados mostram que o salário abre a porta e atrai os jovens no início, mas é o respeito que mantém o engajamento, o propósito que sustenta o comprometimento e o plano de carreira que garante a permanência”, analisa o diretor-superintendente do Sesi, Paulo Mol.

Modelo híbrido perde para salários

Para 66% dos jovens, sendo a maioria mulheres, o modelo híbrido é atrativo. Entretanto, o salário ainda pesa mais que a flexibilidade: 55% dos entrevistados não topariam uma jornada de trabalho com horários mais flexíveis e com remuneração mais baixa, nem para ter mais tempo para atividades pessoais.

Conectar oportunidades

“Mais do que se adaptar às transformações do mercado, a nova geração busca participar delas. O desafio é conectar essa disposição com oportunidades reais de formação e trabalho, unindo significado, segurança e futuro”, explica o diretor-geral do Senai, Gustavo Leal.

Indústria investe em polo de inovação no HUB

A ABDI vai investir R\$ 2,5 milhões na criação de um hub de inovação em saúde no Hospital Universitário de Brasília (HUB-UnB). O foco será na digitalização para melhoria da eficiência da gestão hospitalar. E assim ampliar, também, a participação do SUS em soluções desenvolvidas em parceria com universidades, startups e o setor produtivo. Será realizado um concurso de inovação em saúde digital para incentivar soluções criativas aplicáveis no ambiente hospitalar. A celebração do convênio financeiro será realizada hoje durante a 24ª Jornada Científica do HUB-UnB, com a presença do presidente da ABDI, Ricardo Cappelli, da reitora da UnB, Rozana Naves, da Superintendente do HUB-UnB, Fátima Sousa, e do presidente da Ebserh, Arthur Chioro.



Fotos:Telmo Ximenes

Um novo hub multiuso em Águas Claras

Com um projeto que une consumo, lazer, moradia e hospedagem, foi inaugurado o Manhattan Shopping: o novo complexo da PaulOOctavio, em Águas Claras. Na construção, foram investidos cerca de R\$ 400 milhões para erguer uma área superior a 64 mil metros quadrados. O shopping nasce com diferenciais como um polo gastronômico inédito, o Manhattan Taste, uma torre residencial de alto padrão, uma torre comercial e o Soho Hotel, integrados em um hub multiuso. Durante a cerimônia de inauguração, a vice-governadora Celina Leão destacou a importância do empreendimento para o desenvolvimento do Distrito Federal. O secretário da Juventude, André Kubitschek, e o administrador de Águas Claras, Gilvando Galdino, estavam entre os presentes ao evento, que teve apresentação da orquestra OTCS pelo maestro Cláudio Cohen.



Celebração

“Houve muito trabalho, muita luta, nestes três anos, neste projeto ousado, mas Águas Claras merecia. Eu e a Celina, que vimos o nascimento dessa cidade, que hoje mostra a força de Brasília, a força da população da cidade. Esse shopping veio justamente para coroar o centro de Águas Claras, celebrou o empresário Paulo Octávio .

Empregos e faturamento

Cerca de mil empregos foram gerados durante as obras, e a expectativa é que até 1,2 mil vagas diretas sejam abertas com a operação das lojas. O empreendimento deve movimentar R\$ 90 milhões por ano em faturamento, impactando positivamente a arrecadação e a valorização. O shopping, como a coluna adiantou, contará com 60 operações de marcas já bem conhecidas do consumidor. Empresários e lojistas das marcas participaram do evento.

»Entrevista | MÁRCIA AMARAL | ATRIZ, POETA E ESCRITORA

Envelher com muita leveza

“É preciso aliviar o peso que se dá para a velhice, para poder falar de boca cheia: eu sou velha.” No 11º episódio do *podEnvelhecer*, a atriz, poeta e escritora Márcia Amaral, fala como, aos 64 anos, exerce sua arte

» SIBELE NEGROMONTE
» MILA FERREIRA

Márcia Amaral sonhava em fazer teatro desde a adolescência, mas o pai achava que aquele não era um ofício adequado para “moças de família”. A mineira casou-se, mudou-se para Brasília, teve filhos, precisou lidar com o diagnóstico de bipolaridade, e o desejo foi ficando de lado. Quando subiu ao palco pela primeira vez, teve a certeza de que aquele era o seu lugar. Hoje, aos 64 anos, a atriz, poeta e escritora exerce com orgulho e autoconfiança a sua arte e se sente “uma criança na terceira idade”. No 11º episódio do podcast *podEnvelhecer*, Márcia falou às jornalistas Sibele Negromonte e Mila Ferreira sobre etarismo, aceitar as rugas e os quilos a mais e fazer as pazes com a velhice. Em alguns momento, emocionada, quando fala do companheiro de vida que morreu há pouco tempo ou declama o poema que escreveu aos 40 anos e que, acredita, é

uma premonição do que vive hoje. A seguir, confira os principais trechos do bate-papo.

Paixão pela arte

“Eu quis fazer teatro na minha adolescência, mas meu pai não deixou, porque, naquele tempo, o preconceito era muito forte. Eu me formei em artes plásticas e vim para Brasília acompanhar meu marido. Eu já trabalhava como professora aqui. Minha veia artística sempre foi muito abafada, porque não dei continuidade à arte que fazia na UFMG, que era gravura em metal. Logo engravidei, e a vida foi seguindo esse caminho, de mãe e dona de casa contemporânea, que sai para trabalhar. Por volta dos 35, eu ingressei no Dulcina de Moraes para fazer licenciatura em artes plásticas porque passou a ser exigida para dar aula. E lá, no básico, a gente tinha as disciplinas de teatro, música e artes plásticas. E quando eu pisei no palco, nossa, eu fiquei emocionada. Eu tive certeza de que era isso



Mineirvino Júnior/CB.D.A.Press

Poesia

Eu tinha feito o meu primeiro livro, aos 40 anos, e resolvi publicar — publiquei com 42. Poemas que eu escrevi quando era adolescente, desde os 13 anos. Aos 40, escrevia compulsivamente. O livro foi chamado *Menina, Mulher, Poemas*. Achava que faltava um poema para fechar o livro, aí, escrevi esse poema que eu vou declamar. Foi premonitório, porque eu falava de mim hoje:

Te ser

Te vejo pela janela
Sentada no seu tear
Serena, cantarolando
O tato a “tatetear”
A vista já bem cansada
Os olhos sempre a mirar
Esse ponto no infinito
Onde os tempos vão chegar.
Tanto passado...
Futuro?

Porto seguro de se aportar.
As fiadas de algodão
Brincando na tecelagem
Unindo todos os pontos
Desta infinita viagem
Não sei quem são seus amigos
Quem ainda te acompanha
Mas te vejo bem consigo.
Tecendo...
Tecendo...
Te sendo...
Sendo só você mulher.

que eu queria.”

Sonho adiado

“Meus filhos ainda eram crianças, meu marido trabalhava no fim de semana, à noite, como jornalista, e eu não tive essa coragem (de se dedicar integralmente ao teatro). E aí, eu adieei, adieei, adieei, adieei. Quando foi por volta dos 40, eu adoeci. Tive uma depressão que durou seis meses e, em seguida, fui diagnosticada com o transtorno bipolar. Quando veio a primeira crise de euforia, a minha vida começou a passar por uma grande revolução. Houve um empenho familiar. Meu marido foi muito companheiro, para poder me ajudar a vivenciar essa primeira fa-

se de diagnóstico e tratamento. Então, primeiro veio a poesia. Eu escrevia compulsivamente, e isso fez uma revolução positiva. Eu diria, inclusive, que trouxe à tona a causa desses demônios que estavam se tomando daqueles dons que eu aprisionei. Não consegui mais voltar a dar aula”.

Convivência com jovens

“Uma ex-aluna muito querida, a Alexandra Medeiros, me ligou e disse: “Dona Márcia, eu e o Diogo estamos indo fazer uma oficina de teatro, hoje à noite, e lembrei de você. Quer ir com a gente?” E eu fui, fiz a oficina com eles, fui colega dos meus alunos. E essa convivência com os jovens permaneceu. Eu acho que isso

me ajudou demais, porque quando eu, depois de ter vivido todo esse processo do transtorno e ter achado um equilíbrio funcional, comecei a fazer teatro com Adriana Lodi, no Espaço Cultural Renato Russo. Tinha gente de 17, de 27, e eu tinha 47 anos, começando uma nova vida”.

Etarismo

“O etarismo está presente em todas as profissões e em todas as idades. Ontem, eu estive com uma moça, de 26 anos, vendendo uma roupa, em uma loja. Começamos a conversa e chegamos à questão da idade. Eu falei: eu estou feliz com a minha idade, estou acima do peso, mas estou feliz com esse corpo, com a cara que tenho, eu me olho no espelho e gosto. E ela falou: eu não gosto disso aqui em mim, eu detesto isso aqui em mim. Ela falou da ruga de expressão, do bigode chinês... Vinte e seis anos e bem preocupada. A vida é boa em qualquer idade. E, se não está, vamos buscar (a felicidade). Primeira protagonista em um filme, gravada aos 61 anos, Rosa está cansada de viver só, está querendo viver um romance, ter um par para dançar forró. E aí a amiga dela a convida a entrar em um aplicativo de namoro. Por fim, ela acaba topando e, na hora de colocar a foto, não tem coragem de colocar a foto atual. Aí ela vai numa caixa de fotos antigas, e pega uma dela nova e coloca lá. E, aí, num instantinho, dá match. E ela escolhe o Lírio, o mestre de obras por quem se encanta e que, por sua

vez, também colocou uma foto dele novo. E quando eles se encontram, é muito lindo, porque é um encontro verdadeiro, eles sentem um alívio por não precisar mais mentir — eu sou essa aqui, não aquela da foto. Enfim, mostra com uma beleza, uma leveza a velhice como ela é”.

Memória

“Parei de brigar com a minha memória. Eu me vi muitas vezes falando, ‘ah, a minha memória está péssima’. Parei, não está péssima não. Minha memória é ótima. Quando eu acordo todos os dias, eu sei meu nome, minha idade, onde eu moro, quem eu sou e o que eu vou fazer nesse dia. Eu vou ficar reclamando do quê? Reclamando da minha memória? Ela é linda. E, se eu começar a ficar me queixando muito dela, ela pode ficar brava comigo e falar, ‘ó, então tá, tchau”.

Solidão'

“Envelhecer é lidar com perdas. Essa é a idade em que está todo mundo morrendo. São as perdas, e faz parte da vida. Tem a perda da beleza, aquela beleza da juventude; tem a perda, às vezes, dos cabelos. É uma fase de perdas. E, para vivenciar isso de forma legal, a gente precisa abraçar a velhice, ter a velhice como parceira, como aliada e não como inimiga. É preciso aliviar o peso que se dá para a velhice, para poder falar de boca cheia: eu sou velha”.